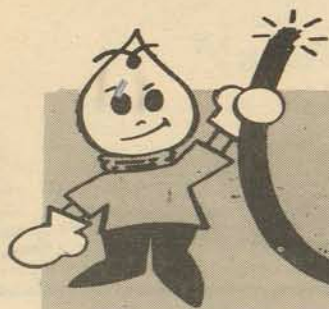




Linha Viva

SETOR ELÉTRICO
VIOLÊNCIA
As punições continuam

Nº 185

02/07/92

ELETROSUL PENHORA TERRENO DA ELASE

Na primeira quinzena de julho vai para leilão um terreno de mais de 27 mil metros quadrados, que a Eletrosul penhorou para pagar uma ação trabalhista, há dois anos atrás (já na gestão Gazaniga). Isso seria apenas mais um indício de decadência se o terreno em questão não fosse o mesmo que abriga a Elase (Associação Recreativa dos Empregados da Eletrosul), com quem a empresa tem um contrato de comodato desde 1982. Os associados da Elase estão espantados com o descaso da direção da Eletrosul para com a entidade e temem pelo futuro da associação.

A ação em questão é uma reclamatória de horário itinere movida por 16 empregados de Ita, filiados ao sindicato de Lages. Está há mais de dois anos na Justiça e neste período 11 destes trabalha-



dores foram demitidos (mas permanece o direito de receber a ação). A Eletrosul perdeu a reclamatória em todas instâncias e quando foi feito o cálculo da ação a empresa

penhorou o terreno. "Agora está sendo efetuada a liquidação da sentença e a empresa disse que não tem dinheiro para pagá-la, por isto o bem terá de ir a leilão", explica o presidente do sindicato de Lages, Clóvis Finochetti, que foi informado pelo Oficial de Justiça do Tribunal Regional do Trabalho. Segundo Finochetti o terreno foi avaliado em 1 bilhão e 400 milhões de cruzeiros, "mas este valor não cobrirá a dívida da ação que é maior".

Diante da situação provocada os sindicatos se perguntam: "o que será leiloadado para pagar o Plano Bresser? Será que serão penhoradas as usinas da empresa? Mais um exemplo dado pela empresa que tem como meta "ser referência do setor brasileiro".

Intercel quer resolver pendências com a Celesc

Hoje, quinta-feira, a Intercel se reúne às 16 horas com a diretoria administrativa da Celesc para cobrar posição da empresa sobre os problemas que estão acontecendo com as horas-extras, valor benefício alimentação, eleições na Celos, os 5,77% dos aposentados e, principalmente, sobre os demitidos. A reunião vai acontecer na Administração Central, no Itacorubi.

Hoje também se reúne o Conselho da Fundação Celos para discutir investimentos em equipamentos médicos e a compra de imóveis. As decisões tomadas neste encontro serão divulgadas no próximo Linha Viva.

Na segunda-feira e terça-feira desta semana a Intercel esteve reunida em Florianópolis para discutir os assuntos que serão levados à reunião de hoje com a DA e elabo-

rar a pré-pauta. Na segunda-feira, dia 6 de julho, a pré-pauta estará sendo distribuída para toda a base para debate. Os sindicatos marcarão assembleias para apreciação e deliberação da pauta, conforme calendário estipulado no seminário de estudo da campanha deste ano.

ESQUEMA PP

Elos faz 1ª reunião depois do escândalo das ações SADE

No dia 30 de junho - mesmo dia em que iniciaram os trabalhos da CPI que investigará o esquema de corrupção PP que interferia nas associações de previdência privada - foi realizada a primeira reunião do Conselho de Curadores da Elos, depois de terem sido divulgadas as pressões da direção da Eletrosul na entidade para compra de ações da empresa SADE.

A reunião foi aberta com uma defesa apresentada pelo presidente da Elos, Rubens Iwersen, tentando desmentir os fatos que se tornaram de conhecimento público. Iwersen, disse que não sofreu pressões para compra de ações da SADE por parte da diretoria da Eletrosul. Disse que todo o episódio tinha como objetivo abalar a imagem da Elos e da Eletrosul. O plano, segundo o presidente da Elos, foi

levado a cabo por um curador vinculado ao sindicato.

Resta saber então por que no dia 29 de maio os curadores da Elos assinaram uma ata que dizia o seguinte: "Foi confirmada a compra pela Fundação de ações da Sul-americana de Engenharia S.A. - SADE no valor de Cr\$ 20 milhões. Foi registrado, no entanto, que, apesar de se tratar, segundo análise técnica procedida e documentada, de papéis com perspectivas de segurança e rentabilidade adequadas, a Elos não compraria as referidas ações por problemas de liquidez. A Eletrosul, no entanto, ao saber da razão pela qual a Elos não efetivaria o referido investimento, liberou recursos no montante de Cr\$ 30 milhões com esse objetivo." (ata, inclusive, assinada por Iwersen e todos os demais curadores)

FUTURO DO SINDICALISMO

Sinergia debate com centrais sindicais em São Paulo

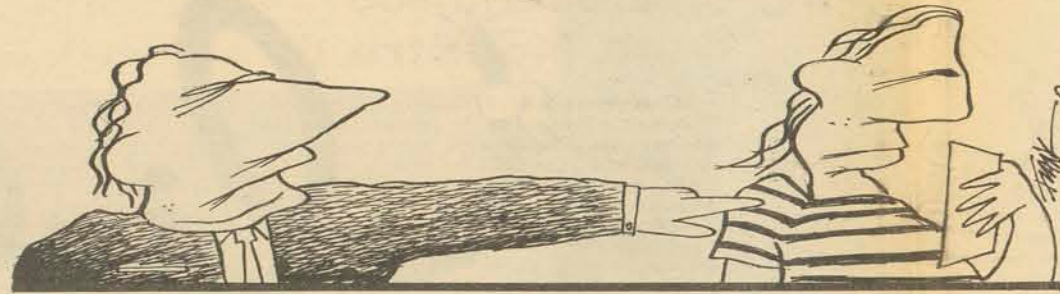
"O projeto do sindicato cidadão se propõe a intervir na sociedade. Isto só tem sentido se esta intervenção for fruto de um amplo debate entre os próprios trabalhadores. Para isto temos que resgatar o significado de cidadania a partir da participação deste trabalhador na vida social. Esta participação visa - além de intervir na vida do país - dar acesso ao trabalhador aos frutos do desenvolvimento, ao conforto e lazer do que hoje significa para nós uma vida civilizada".

Este é um resumo da intervenção do diretor do Sinergia, Delman Ferreira, no seminário "Futuro do Sindicalismo no Brasil", realizado em São Paulo, na semana passada. O seminário reuniu líderes das três centrais sindicais (CUT, CGT e Força Sindical), empresários (entre eles Mário Amato e Emerson Kapaz), políticos e pensadores. Ele fez parte de uma série de encontros do Fórum "Idéias para um Brasil Novo", promovido pelo ex-ministro Reis Veloso, que pretende apresentar um projeto para o Brasil. Delman, que já participou de outros

encontros do fórum, levou a discussão do Sindicato Cidadão.

Uma das primeiras análises do seminário foi sobre o sindicalismo mundial. Desde a década de 80, na Europa e EUA o índice de filiação aos sindicatos caiu bastante. Ao mesmo tempo, nestes países, a filosofia gerencial mudou dando aos trabalhadores uma maior participação nas decisões das empresas e estimulando a solução dos problemas nos próprios locais de trabalho.

No debate durante o seminário porém ficou provado que o processo no Brasil é em sentido oposto. Desde a década de 80 o movimento sindical experimenta um grande impulso e se torna cada vez mais vigoroso com a recessão crescente. Outra constatação foi de que o movimento sindical deve extrapolar a luta apenas reivindicativa para discutir com a sociedade projetos para o país. Também foi consenso entre as três centrais de que é grande a necessidade de uma maior aproximação do sindicato com o trabalhador, investindo na organização por local de trabalho.



CUT denuncia demissões de trabalhadores portadores do HIV

Segundo a Revista INST/CUT (Instituto Nacional de Saúde no Trabalho) o aumento da incidência da AIDS no Brasil tem sido pretexto para discriminação e demissões de portadores do vírus HIV, independente do estado de saúde do contaminado. Os números levantados pelo INST mostram que até maio de 91, foram registrados em São Paulo, 570 casos de demitidos por serem portadores da Síndrome. Destes, apenas dois conseguiram indenização: uma de três salários mínimos até o fim da vida e outra ainda não estipulada pela justiça. Os 568 restantes obtiveram acordo ou foram reintegrados ao trabalho.

Até agora não há registro, no Brasil, de contaminados durante atividade profissional. No mundo, cerca de 80 casos foram documentados, a maioria devido a acidentes com agulhas ocas em hospitais da Inglaterra e EUA. Nos hospitais a possibilidade de contágio é de apenas 35 em cada 10 mil durante transfusão de sangue.

Desmistificar a transmissão e ampliar os mecanismos de informação sobre a AIDS ainda é o principal caminho para o combate à discriminação no ambiente de trabalho. Paralelo a isto o trabalhador deve forçar melhorias das condições de trabalho para que não haja risco de exposição e impedir a realização de testes como pretexto a demissões ou para a não contratação de um profissional.

Uma pessoa infectada pelo vírus da AIDS pode levar anos para apresentar algum sinal de degeneração física, estando apta para exercer qualquer trabalho que não envolva a possibilidade de exposição do próprio sangue. O único risco de adquirir infecção no trabalho é se houver contato direto com sangue, esperma ou equipamentos perfurantes ou cortantes que estejam contaminados. Para tornar o local de trabalho mais seguro, é preciso diminuir a exposição ao sangue e líquidos do organismo

SETOR ELÉTRICO

Na mira da privatização

O governo federal incluiu a Light e a Escelsa no programa de privatização. As declarações oficiais afirmam que as vendas dessas empresas irão ocorrer a partir do início do ano que vem. A privatização do setor elétrico, e dos serviços públicos, que consistiu até agora em medidas como a reforma administrativa, a terceirização, e a abertura de concessões ao setor privado, passa a ter uma nova dimensão.

Dentre as estatais do setor, a Light e a Escelsa são empresas cujo contexto operacional e de mercado oferecem as melhores condições de rentabilidade e retorno do capital investido para prováveis compradores. Por serem empresas de distribuição, são pouco endividadas em comparação com as demais empresas federais, que contrairam dívidas para sustentar os pesados investimentos em geração de energia elétrica.

Até agora o governo tem priorizado a privatização de empresas manufatureiras, de perfil especialmente atrativo para os grandes grupos empresariais. Exemplo desta estratégia foi a inauguração do processo com o leilão da Usiminas. As primeiras vendas deveriam ter o papel de quebrar resistências e gerar expectativas de bons lucros para os investidores, abrindo caminhos para o seguimento do programa. No setor elétrico a tendência parece a mesma.

Mas transferência da Light e da Escelsa para mãos privadas, deve ampliar o debate, até aqui pouco explorado, sobre a privatização de monopólios. Alguns dados podem ilustrar esta questão. (veja tabela)

O tamanho das operações da Light e Escelsa			
Empresa	Nºconsumidores (mil)	Cons. Resid (mil)	Municípios atendidos
Light	2.605	2.376	23
Escelsa	530	429	63

São empresas cujo universo de clientes é bem maior que o de uma empresa que fornece insumos industriais, (aço, produtos químicos, etc.) por exemplo. E estes clientes, em sua maioria são famílias de trabalhadores, autônomos e pequenos comerciantes e industriais. Também o número de municípios em que atuam diretamente difere em muito com relação aos envolvidos por plantas da indústria manufatureira. Mas sobretudo são duas empresas claramente monopolistas, não havendo a menor chance de existir competição no mercado por elas servido.

Se a energia é vista como insumo estratégico no processo de desenvolvimento econômico e social, o controle público é essencial. A história brasileira mostra que, embora monopolistas em suas áreas de concessão, as estatais do setor promoveram a eletrificação do país, e conseguiram manter um padrão de qualidade no serviços comparável ao de países do primeiro mundo. As principais distorções no sistema elétrico foram determinadas pelo modelo concentrador de poder e de renda adotado no país, mas não significaram exclusão de grandes massas populares ao serviço. Deste ponto de vista o controle público direto foi bastante eficaz.

Até que ponto monopólios privados, cuja ótica primordial é voltada para o lucro, poderão sustentar investimentos em eletrificação, é uma das incógnitas colocadas pela privatização do setor para toda a sociedade brasileira? Bases para uma resposta encontram-se no passado, e ele não autoriza uma resposta positiva.

Plenária discute saúde

Será realizada em Florianópolis nos dias 11 e 12 de julho a Plenária Estadual de Saúde, que abordará a implantação do Conselho Estadual de Saúde, já regulamentado e a criação do Fórum Popular Estadual de Saúde que terá um caráter permanente e vai assessorar e avaliar o conselho estadual. A plenária acontece no auditório do CCH da UFSC. Interessados podem entrar em contato com o diretor de Medicina e Segurança do Trabalho do Sinergia, Sovenir Macio Dias.

Decreto 409 vai para debate

Com o patrocínio da Intersul será apresentado hoje, quinta-feira, um vídeo que pretende introduzir

entre os eletricitários do sul do país a discussão sobre o Decreto 409 e a reforma no setor elétrico nacional que está sendo estudada em Brasília. Hoje as apresentações do vídeo acontecem na Eletrosul (Sertão às 12h30min e sede - Tartarugão - às 17h30min). As apresentações na Celesc serão realizada na semana que vem.

A "reforma" não terminou

Apesar das reiteradas afirmativas por parte da direção da Eletrosul de que a "reforma administrativa", ou seja, as demissões tinham acabado, na semana passada a empresa fez mais uma "limpa" demitindo vários funcionários em Florianópolis. Muitos deles são pessoas que concorreram ao cargo de representante da Cipa ou representante sindical recentemente e não foram eleitos.

TRIBUNA Livre

Renúncia já!

Mário Zimmermann
Diretor do Sindicato dos Municípios de Fpolis
Glaucio Carvalho Marques
Diretor do Sinergia

Vivemos numa conjuntura especialmente rica para o debate político. Período próprio para os que compreendem que saídas para a crise posta só se engendram pelo confronto de projetos políticos.

O governo Collor é envolto num processo de relativa transparência das falcatruas que caracterizam a relação do capital com o estado no Brasil. Políticos da oposição democrática-popular sabendo com perspicácia ocupar espaços institucionais, onde mesmo que o governo manobre contra a avalanche, marcas profundas podem ser expostas à definição da opinião pública.

O quadro de ação institucional, porém não constitui seu pilar mais fundamental e único capaz de lhe dar sentido real. A ação das massas está no limite da perplexidade diante do plim-plim, enquanto torcida anti-Collor, e a revolta desembestada, que sem um projeto coletivo fica no mero libertar de um desabafo.

Talvez os caminhos do limite institucional sejam próprios àqueles que ao se depararem com o povo revoltado, se apressem em tomar a dianteira para substituir o movimento de massas pelos acertos de elites, antes que a própria massa se torne sujeito do processo. Para quem tem na democracia

" Não está em questão apenas a substituição do cidadão Collor. Toda a sua política deve ser substituída."

da participação das massas uma marca radical, esta farsa não pode ser o caminho. A condição dúbia de apresentar um projeto que dê um corte na conjuntura é exatamente trazer à cena as massas, anestesiadas pelos dilemas e derrotas que sofremos no plano ideológico no último período. Construir uma saída que seja a própria afirmação de que somente uma radical democratização das formas de representação, tendo os interesses populares à frente, pode colocar em movimentos segmentos sociais que mais sofrem com a gravidade da crise.

Se o caminho das ruas é o único capaz de gerar saídas, porém não será com mera agitação que multidões se apresentarão. É necessário um projeto que se constitua com credibilidade bastante para que o primeiro aventureiro, ou grupo de interesse, não venha a se colocar como salvador da pátria e os trabalhadores venham estender o tapete para seus inimigos.

Não está em questão somente a presença do cidadão Collor. Além da saída do presidente deve ser substituída toda sua política. A nação não pode se calar com uma política econômica que só vale para o terceiro mundo resolver a crise por que passam os países centrais, onde o neo-liberalismo é letra morta. Este governo não possui respaldo moral ou político para se manter dirigindo o país.

O caminho a ser trilhado pelos partidos políticos, pelo movimento sindical e popular e pelos setores sociais marginalizados, deve ter a marca da radicalidade democrática: renúncia de Collor - imediata convocação de eleições gerais - constituição de um governo democrático e popular.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

Linha Viva é uma publicação da Interindustrial dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares semanais. Diretor Responsável: Dinivaldo Gilloil. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon. Ilustrações: Frank Mula. Diagramado e composto na Estação de Edição Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão gráfica do jornal O Estado. Redação: rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis/SC - CEP 88.015. Fone: (0482) 22-38-66. Telefax (0482) 23-45-96. Telex: 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Justamente na comemoração dos 70 anos da arte moderna no Brasil (1922-1992), Florianópolis tem o privilégio de receber a obra de um importante representante das vanguardas artísticas deste século. Uma exposição do pintor alemão Max Ernst (1891-1976), um dos fundadores dos movimentos Dadaísta e Surrealista, está no Centro Integrado de Cultura - CIC até 14 de julho.

O dadaísmo nasceu como uma resposta ao inconformismo e perplexidade de artistas e intelectuais da época ante os horrores da 1ª Guerra Mundial. O início do século XX anunciava grandes perspectivas para a humanidade. A tecnologia progredia e a razão humana se afirmava como fonte da boa convivência. A concretização do projeto da Civilização Ocidental era apenas uma questão de tempo. Com o advento da guerra, porém, todos estes sonhos foram explodidos juntamente com as bombas produzidas pelo desvio da razão.

Desiludido com o desdobramento histórico, um determinado grupo de artistas professava a destruição de toda arte, cultura e valores tradicionais, em nome de um novo início, uma reconstrução do mundo a partir do zero absoluto. Nascia então o Movimento Dadaísta como sinônimo de transgressão de toda ordem estabelecida.

A arte se manifestava através da "não-arte", dos escândalos, dos choques. A indignação e a ira do público perante atos artísticos insólitos e ilógicos era sinal de sucesso do movimento. O poeta Tristan Tzara, por exemplo, conta que lançou o Dada em Paris (sob os brados irados dos presentes) lendo em voz alta um artigo de jornal enquanto uma campainha elétrica soava ininterruptamente, de modo a ninguém entender o que dizia.

O INCONSCIENTE NA ARTE



Em 1924, na esteira do caminho aberto pelo Dadaísmo, André Breton, publicava o "Manifesto do Surrealismo", onde definia a criação surrealista como "um simples automatismo psíquico, pelo qual nos propomos exprimir, ou verbalmente ou por escrito, ou de qualquer maneira, o funcionamento real do pensamento, ditado sem qualquer interferência da razão, fora de qualquer preocupação estética ou moral". Ou seja, os surrealistas

exprimiam diretamente o inconsciente, a experiência interior sem a concatenação do pensamento.

Freud (o pai da psicanálise) exerceu grande influência neste movimento ao definir a estrutura da psique, identificando a existência do inconsciente (ID) e do ego (consciência imediata, servindo de ponte entre o ID e o mundo exterior). Uma das funções do ego é manter sob controle os instintos provenientes do ID. Durante o sono, porém, o ego

permanece em suspensão e entra em conflito aberto com o ID. Freud afirmou no ensaio "A Interpretação dos Sonhos" que eles representam sempre a realização imaginativa de um desejo. Trabalhando e expressando estes elementos oníricos, os surrealistas pretendiam uma liberdade total de criação e, ao mesmo tempo, desvendar os mais íntimos mistérios do ser.

É nesta perspectiva que se insere a obra de Max Ernst. Suas obras não são representações do real, mas imaginadas a partir do interior, sem a mediação do conceito e lógica tradicionais. E é justamente a ausência de uma lógica, da impossibilidade de captar o sentido das imagens, que causa ao espectador uma certa irritação. Mas ao mesmo tempo este abandono da realidade proporciona o prazer da fruição estética, subvertendo o imaginário do cotidiano e proporcionando um alargamento das nossas percepções.

É verdade que o movimento modernista não exerce atualmente a mesma força transgressora de seus momentos iniciais. É possível afirmar mesmo que a sua linguagem está esgotada, e que a arte contemporânea ainda não encontrou sucedâneo de linguagem crítica compatível com o estágio do mundo atual.

Mas a obra de um grande artista transcende movimentos ou periodizações históricas da arte, se constituindo, no interior do acervo cultural da humanidade, em inspiração perpétua de superação dos estreitos limites em que nosso cotidiano se reproduz. Max Ernst, sem dúvida, é um destes grandes artistas e não devemos desperdiçar o fato de sua obra estar temporariamente acessível ao nosso olhar.

Luiz Cézare Vieira
Empregado da Celesc